

“OUTRAR-SE”: UMA PROPOSTA DE AVALIAÇÃO NA DISCIPLINA DANÇA E INCLUSÃO

Eixo: Interculturalidade e Diversidade nas Ações Educacionais

Bernardete de Lourdes Rocha ¹

Cristian Evandro Sehnem ²

Mônica Corrêa de Borba Barboza (Orientador)³

RESUMO

Neste trabalho apresentamos um relato de experiência vivenciado na disciplina "Dança e Inclusão", no primeiro semestre de 2018, no curso de Dança-Licenciatura da UFSM. O objetivo é compartilhar algumas reflexões suscitadas a partir de uma estratégia de aprendizagem e avaliação proposta pela docente. Os estudantes, inspirados pela poética do conceito de "outridade", elaboraram intervenções artísticas, instaladas no hall do Centro de Educação Física e Desportos. A exposição, intitulada "Outrar-se", teve como mote a sensibilização da comunidade que circula neste centro de ensino, em relação à dificuldades e impedimentos arquitetônicos encontrados por pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, além das barreiras atitudinais que limitam a plena inclusão destas pessoas nas práticas sociais. Um dos principais desafios para os estudantes foi a efetivação de intervenções acessíveis, concretizados em trabalhos com releases impressos em Braille, em caracteres ampliados e, também, na audiodescrição das obras instaladas, em parceria com a Comissão de Audiodescrição da UFSM. Os resultados mostraram a potência deste tipo de intervenção como estratégia de educação e sensibilização para a temática inclusiva, além, de contribuir na formação dos futuros licenciados, na perspectiva de uma produção de conhecimento que instiga o diálogo e o exercício de autoria e outridade.

Palavras-chave: Dança e Inclusão; Acessibilidade; Licenciatura em Dança; Ensino de Arte.

INTRODUÇÃO

Esta é uma experiência de ensino-aprendizagem inclusiva, desenvolvida no primeiro semestre de 2018, no Curso de Dança-Licenciatura, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A reflexão que ora trazemos partiu de uma das propostas de avaliação da disciplina “Dança e Inclusão”, obrigatória na formação dos licenciados em Dança da instituição.

Uma série de estudos e experimentações trabalhadas ao longo do semestre a respeito de pensar/fazer não só uma Dança, mas uma prática pedagógica inclusiva,

¹ Acadêmica do Curso de Dança-Licenciatura, Universidade Federal de Santa Maria, belunp@bol.com.br autor.

² Mestre em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, cristian.sehnem@ufsm.br.

³ Mestre em Educação, Docente na Universidade Federal de Santa Maria, monica.cborba@gmail.com.

foi materializada no trabalho que resultou em uma intervenção no espaço arquitetônico do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da UFSM. Estes trabalhos, produzidos individualmente ou em pequenos grupos compuseram a intervenção intitulada “Outrar-se”.

A poética cunhada por Paz (1982) compreende que outrar-se:

[...] é permitir que o outro se coloque dentro de nós, é saber escutar as vozes poéticas e não se sobrepor a elas com argumentações e discussões antes dessas vozes serem ouvidas (p.)

Esta nos parece uma inspiração potente para pensar/fazer uma prática inclusiva. Tendo como mote este conceito, os estudantes foram instigados a suscitar reflexões sobre as barreiras arquitetônicas e atitudinais encontradas por pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, em seu cotidiano, movendo e mobilizando a comunidade acadêmica integrada ao CEFD.

A proposta de evocar estas reflexões a partir da forma artística teve como mote a defesa de Strazzacappa (2012) que aponta a potencialidade e a urgência de “falar de arte por meio da arte” (p. 1). As diferentes linguagens artísticas por tratarem de uma natureza de produção de conhecimento da ordem do sensível, carregam uma vocação de possibilitar outras relações das pessoas com o mundo, mais reflexivas e que podem provocar experiências.

Experiência pois, assim como evocou Strazzacappa (2012) e Duarte Jr., como uma dimensão essencial da educação estética. Ou ainda, como Larrosa (2002) disserta ao defender um conceito de experiência como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (p. 20). A proposta do trabalho então, foi a de que o sentir provocasse nos estudantes o processo de criar as obras, assim como o fruir das mesmas fosse, sobretudo, “uma relação entre o conhecimento e a vida humana” (LARROSA, 2002, p. 19) àqueles que, por alguns dias passassem pelo *hall* do CEFD.

MOVIMENTOS E PERCURSOS DO TRABALHO

A partir da “provocação” de pensar em provocar experiências que permitissem este exercício de outridade, o grupo foi estabelecendo algumas estratégias para a montagem da intervenção. Dentre elas, a escolha do local bem como os materiais que seriam utilizados de acordo com a proposta de cada obra, a partir das discussões,

vivências e experiências das aulas. Foram ao todo sete trabalhos distribuídos pelo espaço do primeiro andar do prédio central do CEFD, configurando assim, uma nova “geografia” para este local, pelo menos, nos sete dias em que os trabalhos estiveram expostos.

Uma questão que chamou atenção de modo expressivo foi a impossibilidade de acesso aos andares superiores do prédio por pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida, em virtude da ausência de elevadores. Também observou-se a inadequação do acesso aos banheiros, cujas entradas são extremamente estreitas. E, ainda mais instigados com essas constatações, os estudantes deram início ao processo das instalações.

No intuito de realizar um trabalho que fosse efetivamente acessível e inclusivo (como não poderia ser diferente), buscamos apoio do Núcleo de Acessibilidadeⁱ da UFSM, setor que desde 2007 atua em prol da acessibilidade e inclusão dos estudantes com deficiência ou mobilidade reduzida, na instituição. Este apoio deu-se na troca de conhecimentos acerca da proposta acadêmica, na impressão dos materiais pelo Sistema Braille, e na estruturação dos pré-roteiros de audiodescrição das instalações.

A audiodescrição, segundo a ABNT (2016) é um:

[...] recurso de acessibilidade comunicacional que consiste na tradução de imagens em palavras por meio de técnicas e habilidades, aplicadas com o objetivo de proporcionar uma narração descritiva em áudio, para ampliação do entendimento de imagens estática ou dinâmicas, textos e origem de sons não contextualizados, especialmente sem o uso da visão (3.3).

A importância da audiodescrição como um recurso que possibilita às pessoas com cegueira ou com baixa visão, acompanhar imagens ou eventos presentes na cultura visual é inominável. É um modo de construção imagética extremamente importante que permite ainda, a este público, autonomia, podendo emitir opiniões acerca de sua percepção, sem depender de outros para saber o que está acontecendo (SNYDER, 2017, p. 18). E mais que isso, é uma possibilidade seu real acompanhamento do que a circunda no mundo da perspectiva visual.

Além da audiodescrição que foi apresentada ao vivo (em voz alta, a partir de um pré-roteiro), foram feitas impressões em Braille e com caracteres ampliados de cada um dos *releases* de cada trabalho, fixados em paredes integrantes ou próximas e estas obras. Assim, as pessoas com cegueira ou baixa visão poderiam lê-las com autonomia e independência. Esta prática se configurou como uma aprendizagem

prática para os estudantes da disciplina e também criadores das obras, no que se refere à acessibilidade comunicacional, juntamente com as audiodescrições.

A seguir compartilhamos algumas obras que fizeram parte da intervenção. Em virtude da limitação de páginas, optamos em trazer para este artigo apenas 5 trabalhos, após a autorização dos autores dos mesmos. E, buscando apresentar uma publicação comprometida com a acessibilidade, anexaremos, ao lado de cada imagem, a referida audiodescrição.

Primeiramente, a obra “Além das rodas” que foi instalada junto à escadaria principal do centro:



AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM:

Fotografia vertical colorida de quatro pessoas, de costas, olhando uma roda de bicicleta presa ao teto como um lustre, no início de uma escadaria. Duas destas pessoas tem os braços erguidos e encostam com a bengala guia, nessa roda. A roda está repleta de adereços como fotografias, fios de lã, fitas e outros.

**Autoria: Aline Prado/Bernardete de Lourdes Rocha/
Sérgio Pinheiro Cezar**

Neste trabalho o grupo buscou chamar a atenção sobre a importância da acessibilidade e se propôs a sensibilizar as pessoas para as dificuldades que ainda temos na efetivação de uma sociedade realmente inclusiva. Segundo o grupo descreve em seu *release*:

Partindo das dificuldades de deslocamento de uma pessoa usuária de cadeira de rodas nas dependências de espaços da universidade, criou-se uma instalação que utiliza uma roda com os símbolos relacionados a inclusão penduradas no aro. Pretende-se conscientizar e mostrar que a pessoa com deficiência é, primeiro, um ser humano, possui múltiplas possibilidades e potencialidades desde que o espaço/sociedade proporcione a esses sujeitos as necessárias condições para sua autonomia e empoderamento (*Release* do grupo entregue ao final da disciplina).

Esta instalação provocou nos transeuntes, reações diversas, como curiosidade

e desconforto, pois precisavam desviar dos fios fixados no chão e paredes, para subir a escada.

Na obra “No meio do caminho (tinha um ser humano)” a estudante Djenifer Nascimento, literalmente “carregou pedras” na luta pela inclusão. Este trabalho foi composto por papéis fixados no chão, com frases escritas em tinta preta com impressões de frases de um poema de Carlos Drumond de Andrade. Ao final do caminho, uma barreira de pedras de vários tamanhos no sentido horizontal foi disposta. Após a barreira, colada no chão, a frase “No meio do caminho, tinha uma pedra!”



AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM: Fotografia vertical e colorida de duas mulheres e um homem em pé, entre várias pedras distribuídas no chão, junto ao corredor, no hall do CEFD. Uma das mulheres está à esquerda, de costas, enquanto os demais posicionados à direita, de perfil e de frente. O homem segura uma bengala guia e às suas costas, estão cinco folhas de papel branco fixadas ao chão formando uma trilha.

Autora Djenifer Geske Nascimento

Na foto, podemos acompanhar o momento de visitação à obra com a acadêmica, o audiodescritor consultor e a professora da disciplina. Uma curiosidade nesta obra é que no segundo dia da instalação já observamos que as pedras “se moveram do lugar”, de modo a não “atrapalhar” ou “dificultar” o trânsito das pessoas para o acesso à porta de saída do centro. E, realmente sua colocação e modo de disposição estética, impedia que as pessoas passassem pelo corredor sem levantar a perna. Mas, se a pessoa estiver numa cadeira de rodas ou impedida de dobrar a perna, como faz para “mover do lugar” degraus e escadas que foram colocadas pela sociedade em seu caminho? Enfim, a obra além de trazer a poética do texto, produzia

movimentos que instigavam a outridade. Esta questão possivelmente perpassou a reflexão de muitas pessoas que por ali circularam.

O trabalho intitulado “Cinesfera reduzida” foi instalado nos vãos de acesso aos banheiros feminino e masculino. Nestes vãos de apenas 60 cm de largura, elásticos largos na cor preta, foram presos verticalmente nas partes superior e inferior de seus marcos, como uma grade flexível. Na parte inferior, os elásticos ficaram fixados em uma ripa de madeira estreita no chão. Outra ação desenvolvida neste trabalho foi a omissão das placas de identificação dos banheiros, com faixas zebreadas em amarelo e preto. Esta teve por intuito simular a experiência de pessoas com cegueira ou baixa visão, e mesmo outras condições específicas de leitura, ao não poderem acessar a identificação dos locais e, assim, ficarem inseguras ao ingressar ou bater no local correto.

Segunda as autoras, o trabalho teve início em questionamentos:

[...] sobre a infraestrutura dos banheiros que deveriam ser um lugar de fácil acesso, porém, em nosso prédio, acabam por restringir o público usuário a pessoas magras e que não utilizam cadeiras de roda, além da falta de informação e indicação para pessoas cegas ou com baixa visão (*Release* do grupo entregue no trabalho final da disciplina).

Na imagem a seguir podemos ver claramente o movimento mobilizado pela estrutura:



AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM: Fotografia vertical e colorida de 3 estudantes espontâneas, sorridentes, de frente à entrada de um banheiro no hall do CEFD, com duas delas à frente e uma delas no interior do local. Preenchendo a porta, 7 faixas de elástico na cor preta, fixadas como uma grade, com as duas estudantes de fora, uma à esquerda e outra à direita, puxando para seu lado 3 dessas faixas cada uma.

Autoras: Isabela Teixeira Patias/ Taís Machado Rosa/Valéria Fontoura Fraga

Como vemos, a sensação de um espaço “apertado” e a estrutura inadequada pôde ser vivenciada por todos que neste período utilizaram estes banheiros. Durante a semana observamos que, no banheiro masculino, logo a estrutura foi desfeita pelos que ali circulavam evitando que passassem por este “desconforto”. No feminino, ao contrário, a obra permaneceu intacta até o último dia. Também foi curioso perceber que nas primeiras horas as pessoas deixaram de usar os banheiros pensando que os mesmos estavam interditados.

Outra instalação foi intitulada de “*The Wall*” e se ocupou de limitar o acesso pela segunda escadaria do *hall* do centro. Ao fixar este “muro” (de papel pardo), a autora teve o intuito de:

[...] realizar uma obra que gerasse um desconforto para passar por um determinado local, o qual é inacessível a um usuário de cadeira de rodas, demonstrando a necessidade de adequação dos ambientes universitários à legislação (Release entregue pela estudante ao final da disciplina).



AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM: Fotografia vertical e colorida de uma estudante à frente de um muro artesanal de papel com tijolos desenhados em sua superfície, que está fixado no início de uma escadaria. A estudante está em pé, e de frente para a imagem, com um sorriso largo.

Autoria de Jaqueline Donida Molossi

Esta barreira instalada pela acadêmica foi motivo de movimentos diários realizados pelos técnico administrativos e docentes, os principais usuários desta escada. O fato de ter que galgar a altura que permitia ultrapassar a estrutura evocava, em alguma medida, um pensar sobre o fato de que para muitas pessoas é diuturno o

enfrentamento de limitações que impedem que sua dignidade e direitos sejam respeitados.

Em pequenos corredores que dão acesso ao estádio do CEFD, um trabalho chamou a atenção da comunidade do centro por forma, cor e disposição. Ela foi nomeada como “Olhar (que deveria ser) atento”, título que por si realça a intencionalidade e visão das artistas criadoras, destacando a necessidade de um olhar sensível, respeitador e atento à necessidade o outro. Ao colocar no local seu trabalho, as estudantes perceberam que ao fim deste corredor existia um pequeno degrau feito com tijolos para conter o fluxo das águas da chuva, mas que também impedia completamente que alguém “sobre rodas” chegasse até o estádio. Foi então, que o cobriram com papel vermelho. Era possível vê-lo por trás da porta de vidro, intensamente rubro.



AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM:

Fotografia vertical e colorida de duas cadeiras de rodas artesanais, em tamanho real, pintadas integralmente de vermelho em um corredor com uma porta de vidro ao fundo. A primeira cadeira de rodas está em pé, na posição tradicional e a segunda deitada, com o encosto ao chão, próxima à porta.

Autoria Lianeli Oliveira/Marília Marquezan

Apesar de, naquele período esta porta não estar sendo utilizada com frequência, a cadeira feita com materiais alternativos e em tamanho real, na simbologia do seu vermelho, evidenciava e provocava o olhar de quem por ali passou.

Esta semana de outridade em alguma medida foi uma marco na trajetória do centro, ainda que feita de forma simples com recursos e materiais a disposição dos estudantes. Salvas as proporções, ultrapassamos os limites da sala de aula, realizando uma avaliação que foi em si, um movimento formativo que envolveu a todo centro.

PARA SEGUIR “OUTRANDO” ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

As instituições de educação superior são os principais espaços de aprendizagem de e para toda a sociedade. Como nos ensina Mantoan (2015):

[...] a comunidade acadêmica não pode continuar a pensar que só há um único modelo de cientificidade e uma única epistemologia e que, no fundo, todo o resto é um saber vulgar, um senso comum que ela contesta em todos os níveis de ensino e de produção do conhecimento. A ideia de que nosso universo de conhecimento é muito mais amplo do que aquele que cabe no paradigma da ciência moderna traz a ciência para um campo de luta mais igual, em que ela tem de reconhecer e se aproximar de outras formas de entendimento e perder a posição hegemônica em que se mantém, ignorando o que foge aos seus domínios (p. 22).

Neste sentido, precisamos encontrar novas perspectivas de trabalho pedagógico nos espaços de ensino formal, seja na educação básica seja no ensino superior, novos ares e caminhos que congreguem de forma compartilhada as diferentes formas de produção de conhecimento. A potência e a importância da Arte como uma forma de produzir saberes de natureza diferente da científica não a torna menor. Ao contrário, defendemos sua força e vislumbramos suas contribuições, sobretudo na efetivação de práticas de ensino que contemplem uma visão mais sensível e criativa sobre o mundo.

Não basta saber os conceitos e diretrizes de uma política pública de forma mecanizada. Precisamos educar olhares, evocar humanidades, desenvolver outridades. É preciso colocar a inclusão em prática, com toda sua radicalidade. Como também ressaltou Mantoan, esta radicalidade da inclusão “vem do fato de exigir uma mudança de paradigma educacional” (p. 28) a partir do modelo hegemônico. Temos que militar por isso, constantemente. Evocar pela efetivação de uma sociedade realmente inclusiva.

A experiência aqui apresentada nos permitiu aprofundar conhecimentos, experienciar de forma efetiva estudos e teorizações e mobilizar pessoas para a política da

acessibilidade e da inclusão das pessoas com deficiência. A via por nós escolhida, assim como evocou Strazzacappa (2012) se alicerça em falar e educar por meio da Arte. Acreditamos que os estudantes criadores destas obras e as pessoas que depa-ram-se com suas artimanhas de (in-)acessibilidades, foram marcadas por reflexões e principalmente experiências práticas (sensíveis) do que realmente ainda exclui parte expressiva da população. Porque, muitas vezes, a exclusão dá-se automática e inconscientemente, sem oportunidades de breque para eliminá-la.

Futuramente, acreditamos que nenhum profissional, independente da área de atuação, estará atualizado, completo e bem-sucedido se não dominar e aplicar tais princípios em seus serviços, produtos e atitudes. Portanto, estes estudantes que frequentaram a disciplina "Dança e Inclusão", do curso de Dança-Licenciatura da UFSM, por sua vez, já estão um passo adiante nesta direção. Estes estudantes reconhecem o direito à diferença como premissa para a constituição de práticas pedagógicas que enfrentam as lógicas "excludentes, normativas e elitistas" (MANTOAN, p. 35) da nossa sociedade.

Entendemos que agora, ao produzirem um espetáculo, estes professores de Dança em formação que passaram pela experiência proposta na disciplina, saberão que seus trabalhos artísticos não poderão ser realizados em um local sem elevador, portas largas e assentos acessíveis... Terão clareza de que, não devem utilizar divulgação e programas impressos cujos formatos não possam ser lidos ou compreendidos por pessoas com cegueira ou baixa visão, além da tradução para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) para a tradução dos textos narrados. Também conhecem a necessidade de audiodescrição de todas as imagens estáticas ou dinâmicas e tantas outras questões debatidas e consideradas.

Obviamente, os estudantes deverão continuar em sua trajetória acadêmica os passos dessa caminhada, ou dessa dança melhor dizendo. Este exercício é diário e precisa acontecer juntamente com colegas, professores e técnicos-administrativos, para que todas as instituições de educação superior em breve dominem na teoria e apliquem na prática a inclusão e aceitação de todos e todas, como referência e modelo para a sociedade radicalmente justa. Seguiremos plantando sementes de outridade! E, convidamos a ti que nos lê a outrar-se nos seus cotidianos.

REFERÊNCIAS

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 16.452:2016. **Acessibilidade na Comunicação: Audiodescrição**. 01.09.2016. 1ª ed.

DUARTE JR. **A montanha e o vídeo game: escritos sobre educação**. Campinas, SP: Papirus, 2010.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. Trad. Anna Maria Barros de Vecchi e Maria Sílvia Mourão Neto. São Paulo: Sumus, 1978.

LARROSA, Jorge, B. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em 20 de novembro de 2018.

MARQUES, Isabel. **Dança-educação ou dança e educação? Dos contatos às relações**. In: TOMAZZONI, Airton ; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana (Org). Algumas perguntas sobre dança e educação. Joinville: Nova Letra, 2010.

MANTOAN, Maria T. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

PAZ, Otávio. **O Arco e a Lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SNYDER, Joel. **Construindo imagens com palavras: manual de treinamento abrangente e guia sobre a história e aplicações de audio-descrição**. Trad. Andrea Garbelott. Recife: Ed. UFPE, 2017.

STRAZZACAPPA, Márcia. **Invertendo o jogo: a arte como eixo na formação de professores**. Anais da Reunião da ANPED, 2012. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT24%20Trabalhos/GT24-1335_int.pdf. Acesso em 25 de novembro de 2018.